

ابن مروان IBN MARUÂN

Revista Cultural do Concelho de Marvão



nº 7 • Dezembro de 1997

UM PASSEIO À SENHORA DA GRAÇA (NISA)

Jose Dinis Murta



*Trecho do Quadro a óleo do Cabeçalho de Nossa Senhora da Graça, de António Maria
Chaves (Niseense autodidacta, pintor músico, ... 1995).*

INTRODUÇÃO

As "caiaças"¹ estão feitas, mas o "corre-corre" continua. Os fornos estão a arder². No ar paira o cheiro a bolos fritos e a queijadas. Alinhados no tabuleiro, os "lagartos" e as "freiras" espreitam, com os seus olhos de feijão frade³, as brincadeiras da "cachopada"⁴, e aguardam que o forno aqueça para que, na sua vez, aí sejam "metidos". As tigeladas ficaram boas, não ganharam "pé"⁵.

O vinho da melhor talha está guardado. Os borregos e os cabritos aguardam o Sábado, são a matéria-prima do ensopado.

São os preparativos!

Segunda-feira trancam-se as portas e "vai-se" à "Senhora da Graça".

*"Segunda-feira de Páscoa
É dia de romaria,
Ou a pé ou a cavalo,
Ninguém falta nesse dia".⁶
"Nossa Senhora da Graça,
lá A vamos adorar.
Vem gente de muito longe,
à sua ermida rezar.
Até gente de Lisboa
cá A vem visitar".⁷*

Anualmente, na Segunda-feira de Páscoa, feriado municipal em Nisa, o sítio da Senhora da Graça enche-se do colorido e do bulício dos residentes na Vila, nas demais povoações do concelho e também daqueles que, embora residindo longe, não querem faltar ao cumprimento da tradição, ao encontro com os familiares e amigos, à volta da improvisada mesa campestre,⁸ e aos festejos religiosos —

missa, sermão e procissão — em honra da Padroeira, Amiga, Advogada, Medianeira, Mãe, Madrinha e até Comadre — Nossa Senhora da Graça.

Ana da Graça, Manuel da Graça, João da Graça, Mana da Graça, Júlia da Graça, José da Graça, ... Graça. Graça é nome muito frequente em Nisa. Não há estudos no sentido de saber a maior ou menor frequência de baptismos com Graça ao longo dos tempos, ou de saber qual o sexo, as classes, os grupos sociais ou profissionais que mais o empregam ou, ainda, a sua associação a determinados acontecimentos ou crises marcantes, quer locais, quer nacionais, na vida das sociedades... mas é sabido que Graça se deve à padroeira de Nisa — Nossa Senhora da Graça — que é santa orago da freguesia mais antiga desta vila e de outras do concelho — Alpalhão, Arez e Montalvão.

Mandam os costumes que, em bom rigor, no acto do baptismo, se deverá colocar, sobre a cabeça do futuro neófito, a coroa da imagem da Santa, da madrinha celestial.

Não há referências às origens desta festividade, desta romaria, porém, apesar de já ter revestido outras características,⁹ não é inédita, nem única, quer a nível do concelho,¹⁰ do distrito ou do país.

Os niseses vão frequentemente à Senhora da Graça.

Segunda-feira de Pascoela, ainda que em escala muito menor, o facto repete-se mas, desta vez, para festejar Nossa Senhora dos Prazeres.

Há notícia de ter havido outras romarias no local, mas caíram em desuso e as ermidas de outros Santos de devoção encontram-se em ruínas — S. Lourenço e Santiago.

No passado "Na 4ª e 5ª feira de Páscoa, também havia romaria na Senhora da Graça, e, principalmente na 4ª feira, havia sempre grandes desordens em que alguns ficavam com a cabeça partida. À tarde regressavam todos para Nisa, e então, jogavam na rua, à pela".¹¹

Santo Isidro, patrono dos lavradores, que se alberga na ermida da Nossa Senhora dos Prazeres, também já teve a sua festa, porém, muito recentemente, passou ao esquecimento¹². Era promovida pelos que da terra tiram o seu sustento.

"A ceifar ganhei a vida,
A lavar me vi crescer,
Enamorei-me da terra
E nela me vi morrer."¹³

Quase diariamente (de manhã e à tarde), ao longo do ano, pequenos grupos, principalmente de mulheres, desfiando as contas do "terço" e rezando em coro, deslocam-se a pé à Senhora da Graça (o regresso, por vezes, já é em viatura, pois um familiar ou pessoa amiga de alguém do grupo a isso se disponibiliza). Vão orar, solicitar benesses, agradecer "ajudas prestadas em alturas de aflição" ou cumprir as promessas feitas, das quais a "novena" é vulgar¹⁴.

"Nossa Senhora da Graça,
Lá na sua capelinha,
Mesmo que faça mau tempo,
Nunca se encontra sozinha."¹⁵

Por vezes, é a "Santa" que, em procissão, desce à Vila para atender a um pedido colectivo¹⁶. O último aconteceu no mês de Abril de 1992. Uma prolongada estiagem levou que, um pouco por todo o

país, os crentes elevassem, em prece, as vozes para o céu, solicitando a Deus e aos santos aquilo que a Natureza lhes negava. Em Nisa, na Igreja Matriz¹⁷, esteve, durante alguns dias, a imagem de Nossa Senhora da Graça para ouvir e atender ao pedido dos que por lá passavam.

"Nossa Senhora da Graça
Vós sois a consolação
Do pobre, roto, descalço,
Sem um abrigo e sem pão".¹⁸

SENHORA DA GRAÇA/NISA-A-VELHA

Nem só a religiosidade estreita os laços dos nisorros com o sítio da Senhora da Graça.

Segundo a tradição, foi aqui que se localizou a primitiva Vila - Nisa-a-Velha — que terá sido saqueada, queimada e arrasada pelo Infante D. Afonso Sanches (filho bastardo de D. Afonso III) àquando das lutas fratricidas que travou com D. Dinis, e que já trazia em Castelo de Vide, Portalegre e Marvão. O Rei Lavrador pagaria, posteriormente, a lealdade demonstrada mandando edificar e cercar de muralhas 4 Km para sudoeste, no Vale do Azambujal, uma *nova vila* segundo o modelo que em outras povoações já havia utilizado e em vigor na Europa da época — a "bastide" (fortaleza) — um projecto geometrizado, feito a régua e esquadro, perfeitamente identificável e que corresponde à zona intra-muros da actual Vila de Nisa, ao "Centro Histórico"¹⁹

João Dinis, Maria Dinis, José Dinis, Ana Dinis, ...Dinis ... ou Dionísio (versão erudita) é frequente em Nisa.

Diz
de Dinis
Lavrador,
já que out
por Senh

Mas
Dionísio,
e, para
primeira p
outros, er
que por e
por vizinh
dominava

E o
cientifican

O tra
— não r
edificada
habitado
anteriores
achados
trado²⁰. Diz
de Terron e
estes está
lenda.

Os dc
são já do t
-se à edific
A hist
de factos
dados arqu
e indiciam
humana, n
tempo.

O curr
se ergue a
Graça, p
paisagem c
com vastos
Serra da E
Distingue-s
configuraçã
convém par

Diz a voz do povo que a frequência de *Dinis* se deve ao facto de D. Dinis, o rei Lavrador, ter edificado Nisa, a Nisa actual, já que outra existiu no "sítio" denominado por Senhora da Graça.

Mas também Baco, deus romano, era Dionísio, consagrado à *aurora* e ao *vinho*, e, para alguns, foi ele que fundou a primeira povoação, ou pelo menos, para outros, era venerado na sedutora colina, que por esse motivo se chamou Nisa e, por vizinhança, toda a povoação que ela *dominava*.

E o que dirá a voz de estudos cientificamente elaborados?

O traçado da Nova deve-se a D. Dinis — não restam dúvidas, ainda que edificada num local, ou próximo dele, habitado na altura, ou em épocas anteriores, conforme a toponímia e os achados arqueológicos têm demonstrado²⁰. Diz-se que foi à sombra do castelo de Terron e da Torre do João Vaqueiro mas estes estão envoltos nos nevoeiros da lenda.

Os documentos escritos conhecidos são já do tempo de Afonso IV e referem-se à edificação das muralhas — 1343²¹.

A história aponta para a veracidade de factos narrados acerca da *Velha*, os dados arqueológicos não os desmentem e indiciam, também, uma permanência humana, no local muito mais recuada no tempo.

O cume da colina, "cabecinho", onde se ergue a Ermida da Nossa Senhora da Graça, permite-nos desfrutar uma paisagem com aspectos multifacetados e com vastos horizontes, que culminam na Serra da Estrela e na vizinha Espanha. Distingue-se dos circundantes pela sua configuração, beleza e difícil acesso, como convém para quem, em tempos recuados,

em guerra permanente vivia mas sem esquecer a água que aos *pés* corre, a *Ribeira* que de *Nisa* colheu nome, apesar de nascente ter para as bandas de Portalegre, em S. Mamede, serra.

A vista desarmada detectam-se vestígios de ruínas de estruturas de características defensivas, que denunciavam ter existido ali um castro e, daí, o vulgo o ter apelidado e conhecer por "castelinho". Em visão estereoscópica (visão a três dimensões obtida a partir de fotografias aéreas para o efeito tiradas — tipo *View-Master*) três cinturas circundam o cabeço.

Por lá passaram os romanos que influências culturais exerceram e vestígios materiais deixaram (têm sido encontrados tijolos — lateres —, fustes de colunas e aras com inscrições votivas). Foram estes vestígios que alimentaram a fantasia a atribuir-lhe a fundação (ano 1317, antes de Cristo) e o nome a Dionísio Baco, o mesmo Baco que deu nome a Ribeiro em Portalegre e, pela mesma altura, a filha Amaia de um seu capitão, a um município pr'as bandas de Marvão - Ammaia. Há quem veja também a permanência de gregos através do vocábulo *Nisa*, nome de grega, bela como convém.

Sofreu as invasões dos bárbaros e, para alguns autores, *aparece* Nisa, chefe mouro, a dar-lhe o seu nome e a ser autor do repovoamento da localidade, e, ainda, da reedificação da antiga fortaleza romana²².

Sofreu as vicissitudes da dominação muçulmana e da Reconquista. Com a Reconquista abraçou definitivamente o cristianismo.

Recebeu foral que, embora desaparecido, pode ser comprovado através da referência que lhe é feita por D. Sancho II ao conceder idêntido

documento à Vila do Crato em 1232: "*Damus vobis populatoribus tam presentibus quam futuris foros et costumes de Nisa*".

Vivia em paz quando Afonso, mau grado, a quis sua e, assim, nos finais do século XIII, após queimada, foi abandonada.

O abandono não foi total (ontem e hoje, há sempre aqueles que, apesar das péssimas condições, se sentem presos aos lugares onde nasceram e onde têm os seus haveres, ainda que parques) e as duas povoações terão coexistido durante algum tempo²³, provavelmente até ao século XVII/XVIII, ainda que a primitiva estivesse escassamente povoada.

Os edifícios religiosos atestam marcas de restauro e melhoramentos ao longo dos tempos, prova inequívoca da presença e/ou da ligação ao *sítio*: em 1638 foi erguido um Cruzeiro à entrada da povoação, no adro da Igreja de Santiago, que já está em ruína no século XIX.

Dois povoações terão coexistido — uma *Nova* e outra *Velha* — e uma delas, a *Nova*, suplantou a outra que acabaria por se extinguir.

Dois igrejas, na mesma freguesia: a Nossa Senhora da Graça: uma urbana, a Matriz, e outra rural, na velha Nisa.

Dois igrejas coexistem e, para os nisorros, nenhuma suplanta a outra!²⁴

Nossa Senhora da Graça, *benedita sois vós entre as mulheres*, e, entre os nisenos, poetas e músicos te cantam e nos encantam.

*"Nossa Senhora da Graça
Tuas mãos são luminosas
És perdão por quem Ti passa
A mais bela das formosas"* ²⁵



Excerto de trecho musical. Letra e música de Rodrigues Correia, elemento da Companhia de TEATRO DESMONTAVEL e estanciou em Nisa nos anos 50

O PASSEIO

Nossa Senhora da Graça é sinónimo de *aurora*. *Aurora* é o significado de *Nisa*, vocábulo, cuja origem etimológica se encontra em nome de divindade egípcia, há quem o afirme.

Romaria em época de Ressureição, na Primavera, no desabrochar da vida, na aurora, reúne anualmente os nisenos, a par do cumprimento diário de promessas à Senhora. É o regresso às origens, a força da tradição, da religião, da padroeira, da madrinha, da comadre.

Não é Segunda-feira de Páscoa, nem de Pascoela, nem temos promessa a cumprir, mas fazemos-lhe um convite: venha daí, venha connosco à Senhora da Graça²⁶.

Façamos o percurso a pé²⁷.

Deixemos Nisa, num destes dias luminosos de Sol, manhã cedo, quando ainda paira no ar o cheiro da maresia estival.

Deixemos Nisa por uma das Portas do burgo dionisino, pelas Portas de Montalvão²⁸ (Monumento Nacional), assim chamadas porque eram a saída que se ligava ao antigo caminho que seguia para Montalvão (antiga vila actualmente integrada no município nisenense) e com passagem por Nisa-a-Velha/Nossa Senhora da Graça e Pé-da-Serra.

A antiga Fonte do Fr... progresso, pe... de Sacadura já é asfaltada... ladeá-la, alg... recente rou... Oliveiras... carcomidos... Vale do Azar...

Continu... mente à esc... o Lavadoiro... ergueu a F... século (me... transferir p... considerand... tónica era m... espaço púb...



Qua

A antiga e denominada Azinhaga da Fonte do Frade, beneficiou de algum progresso, passou a rua e recebeu o nome de Sacadura Cabral - foi alargada e hoje já é asfaltada²⁹. No início, em descida, a ladea-la, algumas casas de construção recente roubaram espaço ao olival. Oliveiras velhíssimas de troncos carcomidos justificam o nome antigo — Vale do Azambujal³⁰.

Continuamos a descer e imediatamente à esquerda, numa curva, fica-nos o Lavadouro Municipal e o local onde se ergueu a Fonte do Frade³¹, que, neste século (meados), a edilidade decidiu transferir para a Praça do Município, considerando que a sua traça arquitectónica era mais digna de embelezar aquele espaço público e onde poderia ser mais

facilmente contemplada do que nos campos agricultados onde nascera, com aquela forma, havia mais de dois séculos³².

Vontades de outros tempos! Hoje novamente se contesta a sua implantação na Praça do Município. E vai para onde? Património sofre com os caprichos dos homens!

A Fonte saiu e também uma pequena ponte. O traçado da via alterou-se. Instalou-se o lavadouro e, ao lado, em pequena, moderna e incaracterística fonte, correm águas da nascente que alimentava a centenária Fonte do Frade e o antigo Ribeiro da Romã.

Também nestes terrenos, Alto de Santa Luzia, onde *dinheiros* de romanos se encontraram, existiu, a vulgarmente



Quadro a óleo do Cabecinho de Nossa Senhora da Graça, de António Maria Charinho (Nisense, autodidacta, pintor, músico, ... 1995).

conhecida por capela de Santa Luzia³³, mas ermida era do Espírito Santo dos Frades.

Espírito Santo.

Em cada canto, seu Espírito Santo! Espírito Santo é a outra freguesia de Nisa, tem Igreja de seu nome noutra espaço. Espírito Santo teve irmandade — "... a irmandade dos moços do Espírito Santo, que começou logo nos princípios da villa, e consiste na reunião de alguns jovens lavradores com o fim de invocarem aquelle Divino Criador, e Vivificador em nome da classe, a que pertencem, nas suas plantações, e sementeiras..."³⁴ A irmandade ergueu uma capela (a actual Igreja do Espírito Santo) e tinha estandarte no alto do qual colocavam um molho de espigas e um bolo (emblema da agricultura). Nos dias de festa tinham um imperador (vestes à moda do romano, coroa, diadema) com guarda pretoriana armada com espadas. Três vezes no ano — Corpo de Deus, S. João e no dia do patrono, geralmente no mês de Setembro — é a festividade do corte dos galos. Na vila pediam-se as primícias das criações das aves domésticas que, em ritual cruel e sangrento, viriam a ser imoladas, sacrificadas com uma espada, pelo repouso das famílias e prosperidade dos rebanhos. "...separados e escolhidos os melhores gallos, são atados successivamente um a um na corda fatal, e sacrificados com uma espada por aquelles, que os ajustam e compram á divindade, que se festeja"³⁵ Reminiscências de cultos pagãos³⁶.

Santíssima Trindade! Divino Espírito Santo! Nossa Senhora da Graça!

Campos cultivados e de grandes oliveiras; viçosas e frondosas, umas; com aspecto de decrépitas, outras; mas todas,

ou quase todas, de troncos grossos, retorcidos e carcomidos, atestam a sua longevidade várias vezes centenária — é o Azambujal.

Mais alguns passos e estamos no sítio do "Encontro" — o local onde tradicionalmente se encontra a procissão que vem da Senhora da Graça, quando a "Santa" desce à Vila, com aquela que, saída de Nisa, a vai esperar³⁷.

*"Ermidinha alta, acolá, distante,
Alumia o monte com o seu sorrir,
Faz-me lembrar um anjo, que vagueia,
errante,
Branco, muito branco, que não quis
partir!"³⁸*

Ao longe, sobressaindo da linha do horizonte, alveja no cume do verde escuro de uma elevação, em contraste com o límpido céu azul, a capela de Nossa Senhora da Graça. Esta imagem desaparecer-nos-á tão repentinamente como surgira, pois continuamos a descida para um pequeno vale mais à frente, onde corre o Ribeiro de Santo André, Santo que, próximo da foz do seu ribeiro, para as bandas do leste, tem uma capela, uma capela em ruínas, uma capela que foi gótica, rezam as memórias.

O ar é pestilento; por ali, a céu aberto, correm esgotos da Vila.

Subimos; a zona do olival vai terminando — à esquerda, as oliveiras são substituídas por sobreiros e à direita, terminadas que são as oliveiras, há, em descida, um caminho de terra batida.

Façamos aqui uma "escapadela" ao percurso que estamos a seguir (é ir e voltar). Sigamos por este caminho de terra batida para ir admirar uma pequena ponte medieval — a Ponte do Vale da Boga³⁹. O

nome sug
com bogas
graníticas
pestilentos

Regr
nova desc
verde fres
bem comp
Horta do R
e o ver
construção
espelho de
direita, aj
vencer, a s
frente.

Segui
A Est
cidos cobr
cumes arre
campos qu

ricos grossos, atestam a sua centenária — é

e estamos no o local onde tra a procissão raça, quando a n aquela que, ar³⁷.

distante, seu sorrir, que vagueia, errante, que não quis partir!³⁸

do da linha do o verde escuro ntraste com o ela de Nossa sta imagem pentinamente mos a descida à frente, onde ré, Santo que, eiro, para as capela, uma apela que foi

a céu aberto,

o olival vai s oliveiras são e à direita, iras, há, em ra batida. "capadela" ao eguir (é ir e ninho de terra quena ponte da Boga³⁹. O

nome sugere que por aqui houve águas com bogas, porém, hoje, as suas aduelas graníticas são lavadas por negros e pestilentos esgotos, esgotos da Vila⁴⁰.

Regressados ao alcatrão, temos nova descida. Já não existe, no vale, o verde fresco das frutíferas, que estavam bem compartimentadas pelos muros da Horta do Retiro, mas o branco das paredes e o vermelho dos telhados das construções⁴¹, associados ao pequeno espelho de água de uma lagoa artificial, à direita, ajudar-nos-ão a amenizar, a vencer, a subida que se encontra à nossa frente.

Seguir-se-á estrada plana.

A Este, na secura, pastos amarelécidos cobrem as pequenas elevações de cumes arredondados sem arvoredo. São campos que produziram cereais.

Para Oeste, para lá da parede do antigo caminho, agora revestido de mato, sobreiros sucedem-se aos "bacelos" de oliveiras e de vinhas⁴².

À nossa frente, imediatamente aos caminhos à esquerda (este entroncar-se-á, no Alto do Barracão/Horta do Padrecão com a estrada que de Nisa segue para Vila Velha de Ródão) e à direita, o eucalipto é rei, é a marca dos tempos actuais. A celulose venceu a cultura cerealífera⁴³.

Eucaliptos ladeiam-nos no percurso em subida que ora iniciamos, cortam-nos a visão, mas exalam odores agradáveis.

Sobre nós, o sol escaldante do estio, faz-nos já gotejar as "fontes", porém, chegados ao *cimo*, tudo se modifica.

As elevações, a Nordeste, e o som estridente das cigarras despertam-nos a atenção. Em último plano, uma colina —



Cabecinho de Nossa Senhora da Graça. desenho de António Maria Charninho.
(Nisense, autodidacta, pintor, músico... 1997).

no cume, a ermida da Nossa Senhora da Graça, e, a meia-encosta, a da Nossa Senhora dos Prazeres, distinguem-se, na sua alvura, do verde do olival. A médio plano, à direita do alcatrão, o Cruzeiro e uns palheiros de xisto, confundir-se-iam com o chão, se não fosse o seu recorte no azul luminoso do céu.

Dai, até nós, pequenas elevações desnudadas, de encostas suaves. São campos de pastagem.

À esquerda da estrada, em 1º plano, as ruínas da ermida de S. Lourenço mal se distinguem no verde escuro das acácias que se desenvolvem no antigo caminho e perto do adro do templo. Espirando os olhos para Noroeste, o seco dos restolhos que vão subindo a encosta termina no eucaliptal e nalgumas azinheiras dispersas.

O alcatrão e os diversos caminhos, alguns dos quais ladeados de paredes de xisto, são mais alguns elementos marcantes da presença humana.

Chegamos à Ermida de S. Lourenço, após pequena descida.

É a primeira ermida, a *sentinela* do espaço sacralizado onde vamos entrar. Se bem contar, cinco ermidas (ou ruínas destas), todas com a porta sensivelmente orientada no mesmo sentido, há de achar, mas por excelência a de Nossa Senhora da Graça, no cabecinho, vai encontrar e, diz-se, possivelmente, sobre templo pagão.

"*Pelo São Lourenço vai à vinha e enche o lenço*" ordena o ditado popular, querendo com isto informar que já há bastantes uvas maduras. O calendário em função da agricultura, e a religiosidade do homem, que depende da terra, associada à natureza, e que solicita aos santos os anos bons e lhes agradece com rezas,

procissões... levanta templos e reparte com os outros graças recebidas.

Hoje a Ermida está em ruínas. Destejada. Esventrada⁴⁴.

Nos áureos tempos⁴⁵, quando o caminho lhe passava mesmo em frente da porta⁴⁶, "...os cardadores mandavam ali celebrar uma missa em 11 de Agosto, dia em que, por não haver nesta vila profissão daquele mester, continuou a fazer-se a festa de iniciativa do clero⁴⁷. Costumavam os viticultores oferecer nesse dia, como *locaças*, as primícias das suas vinhas, que, no fim da missa, eram esgalhadas e repartidas pela assistência"⁴⁸.

Roubaram-lhe a pia da água benta. Roubaram-lhe a cruz sobranceira à porta. Roubaram-lhe pedra lavrada à esquerda da porta fixada.

Esteve para conhecer melhores dias com muitas vontades concertadas para recuperação⁴⁹, mas as vontades também sofrem crises e restam-lhe agora, e apenas, as silvas a minarem-lhe as entranhas e como companhia as mimosas (que ironia!) a vestirem-se de amarelo no fim do Inverno, no "inverno da vida".

Subamos até ao sítio do Cruzeiro, (Cruz Alta, segundo o vulgo).

Cruz é símbolo de religiosidade. Cruz dos Templários, Cruz de Cristo são símbolos das Ordens que por estes locais pelejaram, governaram... Cruz está inscrita, em relevo, em muitos marcos de pedra dos antigos territórios destas Ordens⁵⁰. Cruz existe nos cruzamentos de caminhos. Cruz à beira de caminho ou de poço recorda quem ali morreu⁵¹. Cruz se faz sobre o pão quando se está a "tender". Cruz se faz sobre o alguidar do sangue, das morcelas ou dos chouriços, depois da *matança do porco*. *Pôr a Cruz no pão* era hábito do lavrador, colocar cruz

feita de gie
seara de e
Cruz sign
transporta
no baptism
Cruz no no
Cruz, Maria
da Cruz, Al
força da rel

Pelo s
Muito

Igreja de S

"Pelo

bago⁵²" ord

com isto li

começar a

função da

homem, qu

à natureza

anos bons

procissões

por vezes,

Hoje,

umas sim

silvas. E n

Alta, em 1

1638.

Nos l

Carvalho c

comentar

porém, vo

Motta e M

-nos que

antiga v

demolida

1824 em

cantaria.

apenas

observar

dispersa

É a

vai sena

ficando c

feita de giestas e flores campestres na seara de espigas ondulando ao vento. Cruz significa sacrifício, cada um transporta a sua cruz. Em Nisa, muitos, no baptismo, no acto da Cruz, recebem Cruz no nome, são *da Cruz* — João da Cruz, Maria da Cruz, José da Cruz, Ana da Cruz, António da Cruz... — Cruz... a força da religião.

Pelo sinal da Santa Cruz...

Muito próximo ficam as ruínas da Igreja de Santiago.

"*Pelo Santiago vai à vinha e prova o bago*"⁵² ordena o ditado popular, querendo com isto informar que as uvas estão a começar a amadurecer. O calendário em função da agricultura, e a religiosidade do homem, que depende da terra, associada à natureza, e que solicita aos santos os anos bons e lhes agradece com rezas, procissões... levanta templos, mas que, por vezes, anos mais tarde, os deixa cair.

Hoje, da Ermida, apenas existem umas simples paredes abraçadas por silvas. E no que foi o antigo adro, a Cruz Alta, em granito, com a data inscrita de 1638.

Nos inícios do século XVIII, o Padre Carvalho da Costa refere a existência, sem comentários, da ermida de Santiago⁵³, porém, volvidos pouco mais de cem anos, Motta e Moura (meados do séc. XIX) dizem-nos que "...era a segunda parochia da antiga villa: está hoje perfeitamente demolida acabando de o ser no anno de 1824 em que lhe tiraram o portado de cantaria, e derrubaram as paredes; e apenas no local, em que estivera se observam os alicerces e algumas pedras dispersas, que ninguém tem querido..."

É a regra, se o património é fruído vai sendo conservado, se não é, vai ficando o "que ninguém tem querido", vai

ruindo segundo o vaticínio "...o seu dono leve de retirar-se agora da sua própria habitação e cedel-a impunemente ao tempo que th'a não poupára, e destruíra"⁵⁴

Assim foi, é e será. Hoje, da Ermida, apenas existem umas simples paredes abraçadas por silvas. O tempo não a poupou.

Na protecção e conservação do património a incúria do homem anda de mãos dadas com o tempo. Ontem e hoje.

A ermida não faz falta, dirão! Busquemos no passado a lição!

Nova proposta, novo convite, gostaríamos de lhe formular — sair do asfalto e contornar toda a colina da Senhora da Graça, admirando-a das cristas das elevações circundantes, mas, como o percurso é longo, demorado e cansativo, fiquemo-nos, por ora, no primeiro ponto de observação, à direita da Cruz e dos palheiros⁵⁵, à sombra de uma azinheira que aqui se encontra isolada.

Respira-se paz e tranquilidade!

Em 1º plano, na encosta para o vale, para o ribeiro de Santiago, que começa junto à ermida do mesmo nome e que circunda a Sul e Este a colina de Nossa Senhora e desagua na Ribeira de Nisa, em 1º plano, dizíamos, um rebanho de ovelhas "apascenta-se" e faz ouvir alguns balidos na quietude destes espaços.

Conforme vamos levantando os olhos destes terrenos de pastagens com algumas giestas e rosmaninho perfumando os ares, deparamos com uma pequena lagoa artificial (charca) no vale. A antiga vila reverteu terra cultivada. Sucedem-se, à esquerda, alguns vestígios de troncos carbonizados de oliveiras seculares, que foram devoradas pelas chamas de um incêndio ocorrido em Setembro de 1991⁵⁶, e que se contorciam

por entre amontoados dispersos de pedras xisentas, vestígios da antiga povoação.

Rede de arame de malha larga compartimenta terrenos onde a parede nunca existiu, caiu ou é pouco alta. São as novas técnicas de vedação — são práticas, de fácil erecção, susceptíveis de movimentação e de construção de espaços maiores ou menores, conforme as necessidades.

Para a esquerda, para lá da estrada de onde agora nos chega o coro das rezas de um pequeno grupo de mulheres, a encosta de um morro salpicado, aqui e acolá, de azinheiras, oliveiras e de eucaliptos, completam este cenário onde linhas de alta tensão também quiseram estar presentes.

Mas a chamar-nos com mais força e sedução, temos, mais uma vez, a colina de Nossa Senhora, onde, se divisa, no sopé, a Ermida dos Fiéis de Deus. Em último plano, é a serra de S. Miguel que nos prende e fascina com a sua altitude (a mais alta do Concelho) e com a graciosidade do boleado do seu cume para onde, pelas encostas, o eucalipto trepa. O brilho do casario branco da aldeia do Pé-da-Serra, na falda Este da montanha, completam e embelezam o quadro onde, de quando em vez, algumas aves cruzam o espaço. Na linha do horizonte, para Nordeste, o branco do casario de Montalvão e terras de Espanha.

E tudo isto se modifica na Primavera. Ao colorido e aos odores das flores silvestres — o amarelo das giestas, o roxo do rosmaninho e o branco das estevas, entre outros — associa-se, nos dias de festa, a multiplicidade de cores e tons do vestuário, o vai-vém, o movimento e o alarido dos romeiros.

Romaria em época de Ressurreição, na Primavera, no desabrochar da vida, na aurora, na luz da vida, reúne anualmente os nisenses: a par do cumprimento diário de promessas à Senhora. É o regresso às origens, é a força da tradição e da religião, é o querer bem à Padroeira, Amiga, Advogada, Medianeira, Mãe, Madrinha e Comadre.

É a força da Ressurreição, da Primavera, da Aurora.

*"E os moços a correrem ao festim do monte,
Anciãos caminham, trôpegos,
cansados...
Todos vão beber na piedosa fonte,
Alguns vão lembrar os dias já
passados"⁵⁷*

O cabecinho é coberto de gente.

A vila despoeira-se. A pé, de automóvel, de autocarro... todos, ou quase todos, vão à Senhora da Graça.

Automóveis pequenos e grandes, de cores sóbrias ou vivas, formam bichas intermináveis e ocupam todos os espaços acessíveis e disponíveis.

Missa campal, pois o templo é demasiadamente pequeno, sermão e procissão, constam do programa religioso. Os agradecimentos em Pai-Nossos, Avé-Marias... pelos favores recebidos não são confessos, mas o manto da Senhora cobre-se de notas.

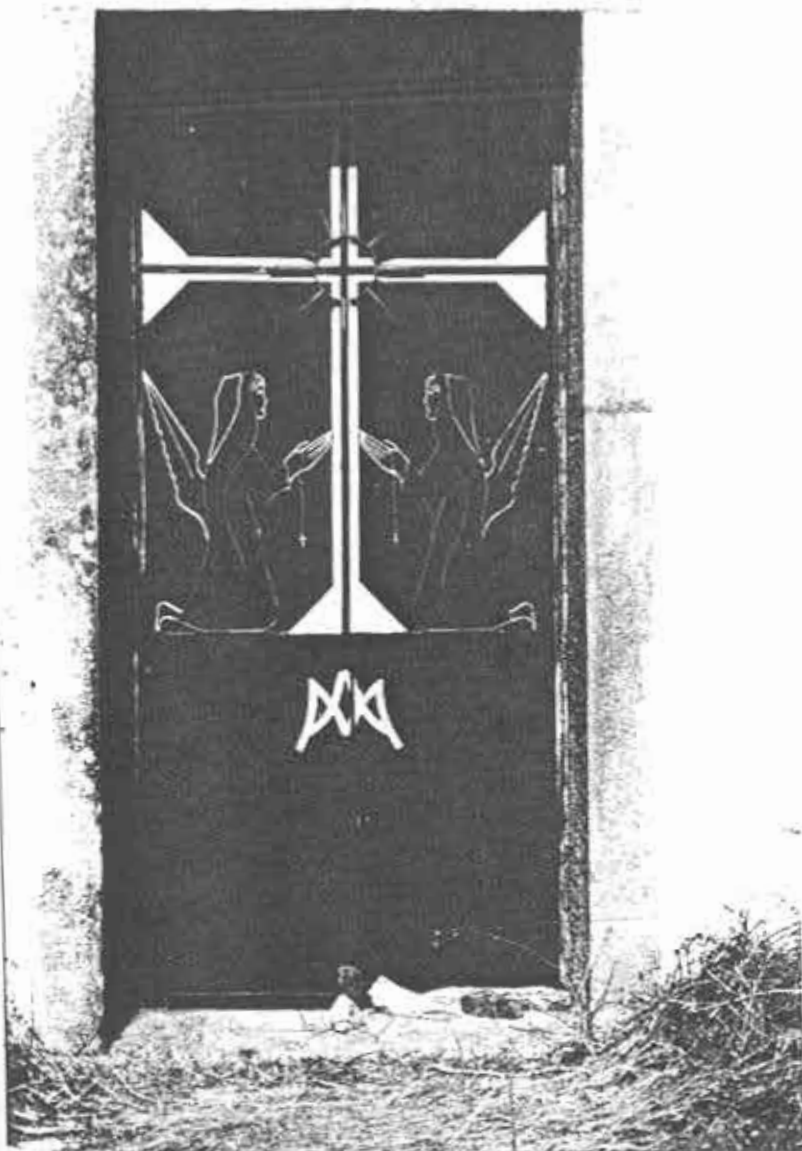
*"Já lá vem a procissão
Da Nossa Senhora da Graça.
Toda a gente se ajoelha
Por onde a Senhora passa.
Traz manto cheio de notas:
Todos querem dar dinheiro.
São escudos, francos e marcos
É mais notas do estrangeiro"⁵⁸*

Ressurreição,
mar da vida, na
e anualmente
rimento diário
o regresso às
e da religião,
eira, Amiga,
), Madrinha e
rreição, da

ao festim do
monte,
trôpegos,
cansados...
dosa fonte,
os dias já
passados"⁵⁷
de gente.
A pé, de
... todos, ou
da Graça.
e grandes, de
mam bichas
s os espaços

o templo é
, sermão e
ma religioso.
Vossos, Avé-
nidos não são
da Senhora

Graça.
ssa.
tas:
ziro.
marcos
jeiro"⁵⁸



Porta da
Ermida dos
Fiéis de
Deus.
Trabalho em
ferro de
Manuel
Malpique
Rufino,
Nisense,
serralheiro...

No ar pairam os odores campestres, os odores dos banquetes, o convívio, a alegria, a harmonia, a paz e, lá mais para o fim da tarde, alguns acordes musicais — banda musical, rancho folclórico... diversão...

Regressemos ao nosso posto de observação, à sombra da azinheira, de onde, afinal, nem havíamos saído. Se contornarmos toda a colina da Senhora da Graça temos como dominância o olival plantado em socalcos no declivoso dorso.

O asfalto que lhe passa no sopé, a Sudoeste, contorna-a, sempre em descida, até Noroeste, e segue para o Pê-da-Serra sobre moderna ponte de betão.

Vista de Este, é muito íngreme, e tem, a meia-encosta, rodeado pelo arvoredado, um palheiro com caminho de acesso.

Do Norte apenas divisamos a ermida cimeira (havia oliveiras que arderam em 1991), mas temos em 1.º plano a Ribeira de Nisa de margens que foram verdejantes⁵⁹, e de água borbulhante. Para a antiga ponte desce o antigo caminho em calçada que ziguezagueia no vale a Oeste. E, quase no sopé, num plano inferior à estrada actual, uma conduta em cimento leva água da Barragem do Poio (lá longe, para Este, não visível) para a central hidro-eléctrica da Velada (para as bandas do Oeste).

Observada da colina a Noroeste, para a qual temos acesso em vereda que se inicia à esquerda da entrada da ponte de cimento, temos uma invulgar panorâmica sobre as ermidas de Nossa Senhora da Graça, dos Prazeres, das duas pontes e da Ribeira. De Oeste e de Sudoeste são visíveis as ermidas.

Regressemos, mais uma vez, à sombra da azinheira, pois a observação estava a ser feita de memória.

Voltemos ao Cruzeiro e sigamos agora pelo caminho da esquerda (mais uma escapadela, é ir e voltar): muito haveria que comentar, mas façamos este percurso só para, quando chegarmos ao ponto mais alto, observarmos, daí, a paisagem — uma visão diferente das três ermidas e do cabecinho e a visualização distinta de patamares (agora que as oliveiras arderam) a circundá-lo.

Voltemos ao Cruzeiro e sigamos o alcatrão. À esquerda, a encosta íngreme que foi cortada, aquando da abertura da estrada, e da entranha da qual jorraram grãos de trigo queimado. À direita, o Vale de Santiago e amontoados de pedras, restos de antigas habitações e a detecção de indícios no terreno de um rectilíneo muro do qual, há anos, as máquinas desfizeram o pouco que restava.

Chegamos à Ermida dos Fiéis de Deus onde se bifurca o caminho — para a direita o asfalto e para a esquerda a antiga via, aqui em calçada⁶⁰; ambas em descida.

O largo sofreu amplos melhoramentos para permitir boa movimentação e estacionamento nos dias de romaria.

A Ermida dos Fiéis de Deus é pequena e tem sido recuperada. Segundo Motta e Moura, baseado em costume antigo, terá sido erigida sobre a sepultura de um condenado, que, por força do seu crime, não se permitia que fosse enterrado nos adros das igrejas, nem nos cemitérios públicos, mas apenas junto das estradas para que, aqueles que por ali passassem, deitassem uma pedra sobre a sepultura e orassem *"pelo fiel de Deus que ali jazia"*. Pedra a pedra se fazia um monte, que iria

possibilitar a
aí está com
artístico tra
Malpique R

A esqu
4 Km⁶³ e à
estas parag
Cristo/Temp

Até à E
Prazeres o
penoso. Ant

A cam
pó entranha

A erm
Prazeres ot
como "Imóv
edifício do
renascentis
tado e adap
pois o aces
o sistema
subjacentes
representa
centro, na p
cruz de Cre

Para o
a porta de
segundo se
dias Adão
tendo abraç
a cometer
Arrependi
hábito e ao
vida de p
isolamento
Amador A
perdoou-lh
serviço da
Graça. Ac
Santo.⁶⁸

Adjace
antiga Hos

possibilitar a erecção de uma capela.⁶¹ Ela
está com porta de ferro, num belo e
artístico trabalho artesanal de Manuel
Malpique Rufino.⁶²

À esquerda um marco antigo a indicar
4 Km⁶³ e à direita um outro a atestar, por
estas paragens, a presença da Ordem de
Cristo/Templários.⁶⁴

Até à Ermida de Nossa Senhora dos
Prazeres o percurso é poeirento, recto e
penoso. Antigamente era diferente.

A camisa cola-se ao corpo e algum
pó entranha-se nas narinas.

A ermida de Nossa Senhora dos
Prazeres ou da Esperança,⁶⁵ classificada
como "Imóvel de Interesse Público",⁶⁶ é um
edifício do séc. XVI. O pórtico da galilé,
renascentista,⁶⁷ deve ter sido acrescen-
tado e adaptado a igreja do século XIV,
pois o acesso à capela, a abóbada desta,
o sistema e características construtivas
subjacentes são medievais. O tecto pintado
representa cenas do paraíso e tem ao
centro, na pedra de fecho da abóbada, a
cruz de Cristo.

Para o alpendre, lado esquerdo, abre
a porta de uma dependência, onde,
segundo se reza, viveu os seus últimos
dias Adão Dinis (falecido em 1584) que
tendo abraçado a vida do sacerdócio vinha
a cometer o incesto com uma prima.
Arrependido do pecado, renuncia ao
hábito e aos haveres, e troca-os por uma
vida de penitência, de oração e de
isolamento na serra de S. Miguel. Frei
Amador Arrais, bispo de Portalegre,
perdoou-lhe e comotou-lhe o voto no
serviço da capela de Nossa Senhora da
Graça. Acabaria por ganhar fama de
Santo.⁶⁸

Adjacentes à ermida encontram-se a
antiga Hospedaria e anexos, que tem

beneficiado de melhoramentos e que, a
curto prazo, serão electrificados. A porta
traseira deste conjunto, ao lado do forno,
tem como padieira (lintel) uma ara romana.
Poder-se-ia aqui iniciar um circun-
passeio, caminhando sobre o que resta
de uma das estruturas que *circundam* o
"cabecinho". Experimente quando tiver
possibilidades.

A partir desta capela, muros de xisto,
caídos de branco no topo arredondado,
marginalizam o caminho que, em rampa,
(calçada de xisto até à escadana), nos leva
à Ermida principal.

Chegados aqui, ao *cabecinho*, com
 muito calor, merecíamos um descanso,
mas *corre um ventinho*, que nos conforta;
a sedução do sítio e o poder da paisagem
são mais fortes do que a tentação do
assento.

"Nossa Senhora da Graça,
Que lá 'stá no cabecinho,
Por muito calor que faça
Sempre lá faz um ventinho".⁶⁹

"Nossa Senhora da Graça,
Que lá está num cabecinho!
Antes que não corra vento,
Sempre lá corre um ventinho".⁷⁰

Estamos ao cimo da escadaria de
acesso à ermida sob a qual existe um
tesouro, assim se diz. Iniciemos aqui a
nossa observação.

Para Sudoeste e Sul, de onde
viemos, o asfalto marca a calma do relevo
até Nisa, cujos campanários e altaneiras
torres sobressaem do casario, quebrando
majestosamente a linha rectilínea dos
olivais do horizonte.

Foi, certamente, este oásis, ainda que diferente outrora, que levou o Rei Lavrador a mudar a residência dos seus fiéis súditos.

A médio plano o leve ondular do relevo, campos de pastos e "bacelos" de oliveais, são cortados, já mais perto, pela mancha do eucaliptal a que se seguem os campos desnudados.

Mais aquém, o Cruzeiro, os palheiros, as ovelhas, o vale de Santiago, as ruínas de Nisa-a-Velha e o morro salpicado de oliveiras e azinheiras.

A Este os olhos espriam-se num mar de elevações de vegetação rasteira. Aqui e acolá pequenas manchas de arvoredos "pinceladas" de casas campestres evidenciam algumas pequenas propriedades.

Lá longe o arvoredado adensa-se. Tons violáceos, arroxeados, envoltos em névoa, sobressaem bruscamente — são as serras Castelo de Vide, Marvão e de S. Mamede. Com boa luminosidade distinguir-se-á a alvura da *Sintra do Alentejo* enovelada na encosta, à beira do castelo, e a dureza majestática da fortaleza de Marvão alcançada nas penedias.

A Nordeste continua a calma do mar de elevações de vegetação rasteira e manchas de eucaliptais. O casario de Montalvão põe uma pequena nota dissonante, mas agradável, na separação entre o verde e o azul.

A Norte, a "monotonia" é quebrada, abruptamente, muito perto de nós, pela Serra de S. Miguel. Eucaliptos sobem abusivamente, mas vencedores, as suas encostas e marcam distintamente zonagens com a vegetação arbustiva indígena²¹.

No passado lá existiu uma capela a S. Miguel que, em 1852, já em ruínas, foi

substituída por um marco geodésico. Hoje temos novamente, lá no alto, a marca do homem: uma torre de vigia para detecção de incêndios e, edificada no corrente ano, uma estação de telecomunicações (alta torre e anexos)²² para serviço de empresa ligada à exploração da energia eléctrica (E.D.P. - Electricidade de Portugal, SA) e, cá em baixo, as *escuras*, a aldeia da *Vinagra*²³.

Pé-da-Serra, anichada à sombra do colosso, põe a sua pincelada de branco na aquarela de verde.

Depois é a continuação da beira, é a sucessão, até perder de vista, de diferentes tonalidades de violeta, roxo e azul, é a multiplicidade dos cumes das cordilheiras — S. Miguel, Gardunha e Estrela — e o alvejar do casario de povoações da Beira.

A nossos "pés", lá em baixo, a Ribeira de Nisa serpenteia, contorce-se e agiganta na estiagem.

"*Ribeira de Nisa*" é uma aldeia freguesia, conjunto de cinco aglomerados de sítios nos contrafortes da Serra de S. Mamede, do concelho de Portalegre, cidade da qual dista, grossomodo, cerca de 6 quilómetros.

"*Ribeira de Nisa*" aldeia, buscou o nome no curso de água do mesmo nome, Ribeira que, nascida ali perto, na Serra, lhe corre aos pés, lhe rega pomares e hortas, e demolha o castanho e a cereja, matéria-prima de canastos e de outras riquezas vendidas em épocas passadas.

E "*Ribeira de Nisa*", curso de água, buscou o nome em Nisa, povoação, sede de concelho de dez freguesias, do distrito de Portalegre, cidade da qual dista 32 quilómetros.

Nisa deu nome à ribeira. Povoação importante, sem dúvida, para dar nome à

ribeira da qual não é essencialmente Ribeira do F. António e, a nenhum des-

Mas N. Ribeira não aquela que Ribeira, do era aliment trabalho e, certamente parte, a tri ponte que "dos mouir que nos l sufficienten primeiro te servir de p

Dois Ribeira, ut outro (Ribi conheceu passado, o progres-

A N. ingremes plantadas (acrescid prolifera longinqu

E, Ermida d segundo tem sido obras de ampliac Os alicer não são hipoten como to

ribeira da qual dista 4 quilómetros, para a qual não tem vistas nem depende essencialmente; mais perto correm a Ribeira do Figueiró e o Ribeiro de Santo Antonio e, apesar disso, não *apadnhou* nenhum destes cursos de água.

Mas Nisa, a Nisa que deu nome à Ribeira não terá sido a actual, mas outra, aquela que, "nascida" aqui perto da Ribeira, dependia dela, para quem esta era alimento, geradora de alimento e de trabalho e, quiçá, defesa e deusa. Foi certamente esta Nisa que, no todo ou em parte, a transpôs com robusta ponte, a ponte que uns dizem "romana" e outros "dos mouros". Foi certamente esta Nisa que nos primórdios do Séc. XIII, já suficientemente povoada, recebeu o seu primeiro foral, foral que viria em 1232 a servir de padrão ao do Crato¹⁴.

Dois povoados. Ambos viveram da Ribeira, um (Nisa-a-Velha) lhe deu nome, outro (Ribeira de Nisa) nome recebeu, um conheceu a extinção e jaz nas cinzas do passado, outro, na actualidade, conhece o progresso, ou o retrocesso, do Alentejo.

A Noroeste, muito próximo, duas íngremes e elevadas colinas de olivais plantadas em socalços barram-nos a visão (acrescida por alguns eucaliptos que já proliferam na mais próxima) para o longínquo.

E, ao centro do "Castelinho", a Ermida de Nossa Senhora da Graça¹⁵ que, segundo os registos documentais escritos, tem sido sujeita ao longo dos tempos de obras de beneficiação, de redução e de ampliação nas suas dimensões e forma. Os alicerces primeiros e o patrono primeiro não são conhecidos, mas aventa-se a hipótese de templo pagão. *Nisa* é dado como topónimo de monte de dedicação ao

deus romano Dionísio Baco¹⁶ mas, antes dos romanos, que outros povos ali habitaram? Quais foram os homens que iniciaram a sacralização deste *cabecinho*, destes espaços? Quem foi o *inquilino* depois dos romanos? A igreja consagrada à Virgem em meados do Século XIII era sita no *cabecinho* e sobre templo herdado¹⁷?

As respostas poderão ser dadas com o contributo da arqueologia?

O "*cabecinho*", à direita da ermida, conheceu de 30 de Agosto a 8 de Setembro de 1995, um movimento desusado. Aqui decorreram escavações arqueológicas¹⁸.

Foi um *procurar* das origens, da identidade cultural; foi o procurar conhecer o passado do homem, do homem que estanciou neste "território", vulgarmente denominado *Nossa Senhora da Graça/Nisa-a-Velha*, porque "*o conhecimento do passado humano*" não se faz sem documentos e documentos não são só papéis escritos, mas tudo aquilo que nos possibilita o conhecimento do Homem no devir dos tempos. Sem documentos não há conhecimento do passado, mas, só por si, os documentos não "fazem" o passado. Os documentos carecem de interpretação e esta tem a ver, entre outros aspectos, com as questões que saibamos colocar. Há que colocar questões para obter respostas que por sua vez despoletarão outras questões.

Os documentos conhecidos não respondem a tudo.

Há documentos no *sítio de Nossa Senhora da Graça*. Há que investigar, interpretar, estudar, conhecer para dar a conhecer, divulgar. E... parte de uma estrutura de alvenaria de pedra irregular,

com a espessura de 3 metros em que o ligante utilizado foi terra, ficou a descoberto. Algumas respostas se obtiveram às questões colocadas, muitas continuam ainda sem resposta e outras se colocam agora. Novas intervenções se justificam. Conhecer as *origens*, a identidade cultural, conhecer o passado do homem, do homem que estanciou no "território" vulgarmente denominado *Nossa Senhora da Graça/Nisa-a-Velha* requer uma intervenção arqueológica de grande envergadura.

A esquerda da ermida poste de cimento erguido sustenta cabos para a electrificação destes espaços e destes monumentos. A *Electrificação do Santuário de Nossa Senhora da Graça* é a primeira fase de um projecto de *beneficiação e melhoramentos* a realizar no Santuário de Nossa Senhora da Graça que foi desencadeado pela Paróquia de Nossa Senhora da Graça e que tem tido grande receptividade⁷⁹.

O projecto contemplará, certamente, toda a envolvente da ermida, onde, no altar principal, se encontra a imagem de Nossa Senhora da Graça, obra da estatuária do séc. XV⁸⁰.

Para terminar façamos a descida para ir à velha ponte pelo antigo caminho apertado no vale, onde, na Fonte Coberta, nos poderemos dessedentar. Do caminho antigo apenas resta uma vereda e, chegados ao alcatrão, no mesmo local onde a vala da EDP se cruza com este, perde-se no meio do balseado a antiga via e é melhor ir pela estrada até à nova ponte sobre a Ribeira de Nisa.

A velha ponte deixou de cumprir a sua missão, quando a jusante lhe plantaram uma irmã moderna de cimento, ferro, brita e areia. Os parapeitos foram

caindo e sobre os quebra-rios desenvolveram-se arbustos que entranhavam as suas raízes por entre as aduelas e, as largas fissuras abertas, faziam prever um fim triste. Lançados os alertas⁸¹, as obras de recuperação realizaram-se em 1993 ao abrigo de protocolo entre a Câmara Municipal de Nisa e a Direcção Regional de Monumentos do Sul⁸².

Ai está para memória e admiração a *ponte medieval*, dita *romana da Senhora da Graça*, ou *dos mouros*, (são bem visíveis nas pedras siglas que os canteiros medievais utilizavam). Atendendo à demonstrada presença romana na região é possível que tenha origem em fundações anteriores. Alguns dos materiais empregues são manifestamente reutilizações. No átrio do Hospital Velho em Nisa guarda-se um grande bloco paralelepípedo de granito que foi levado das margens da ponte.

O regresso fá-lo-emos de automóvel. Um amigo virá buscar-nos à ponte e poderemos ir ao Pe-da-Serra.

Na ponte, aguardemos pelo automóvel.

Nossa Senhora da Graça a força da religião. Nisa-a-Velha a força das ongens.

Nossa Senhora da Graça/Nisa-a-Velha é um espaço a repensar, é um *sítio* onde se justifica uma intervenção arqueológica e patrimonial de grande envergadura — conhecer para dar a conhecer, divulgar e fruir.

Além dos aspectos de natureza religiosa, histórica, científica, patrimonial e paisagística outros se poderão associar. Espaço turisticamente a ser valorizado para valorizar o Concelho, espaço a integrar correctamente numa política global, não só no papel, mas também no terreno, em conjugação de ideias e

esforços — as Sever, ... o Centro Museu Região o Artesanato Vinagra... a G as pessoas

Nossa S -Velha

Esta lar Cristã Nise beneficiação Santuário de i

A 1º I

"electrificaçã Senhora da C



esforços — as Termas, S. Gens, o Tejo, o Sever... o Centro Histórico, o Património, o Museu Regional do Bordado e do Barro, o Artesanato... Amieira, Montalvão, Vinagra... a Gastronomia... as Gentes... as pessoas

Nossa Senhora da Graça/Nisa-a-Velha

Está lançado, pela *Comunidade Cristã Nisense*, um projecto de beneficiação e melhoramento para o *Santuário de Nossa Senhora da Graça*.

A 1ª fase do projecto — a "electrificação do Santuário de Nossa Senhora da Graça" — está em curso.

Existe uma Hospedaria e anexos que aguardam melhoramentos

Encontros de natureza religiosa, cultural, campos de férias... são possíveis.

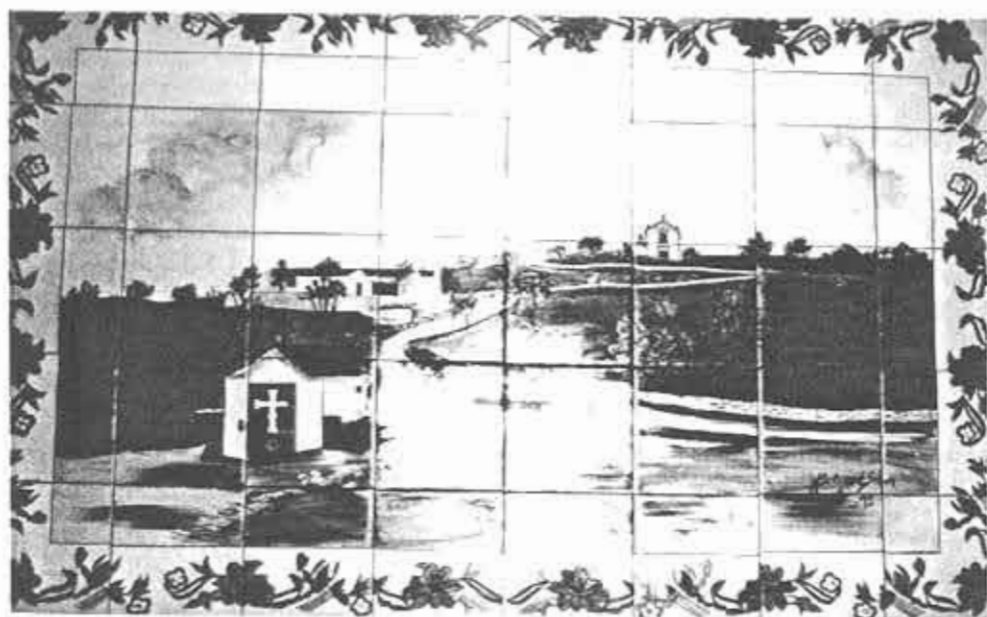
A 2ª campanha de escavações arqueológicas para 1996, que se prevê de grande envergadura, aguarda os apoios da Câmara Municipal de Nisa.

Aguardemos pelo automóvel.

Façamos mais uma ponte, uma ponte para o futuro!

Nossa Senhora da Graça/Nisa-a-Velha é Ressurreição, Primavera, Aurora...

1996



*Cabecinho de Nossa Senhora da Graça. Painel de azulejo de Maria José Silva.
(Pintora nisense, autodidacta 1995.)*

Notas

¹ No fim do chuvoso, frio e triste Inverno, de lumes diários, que deixa algumas marcas de bolor, humidades e de fumo nas brancas paredes; com o alvorecer da luminosa, quente e alegre Primavera e da festividade pascal faziam-se as "limpezas" da casa. Tudo se limpava. As paredes interiores sujeitavam-se a mais umas pinceladas de cal branca e os rodapés de "oca" (ocre) amarelo forte. A cal e o ocre estendiam-se frequentemente às madeiras - portas e escadas. Em habitações mais antigas é possível contar múltiplas películas de cal, correspondendo às sucessivas caiações, que acabavam por se ir escamando. Para limpeza, retiravam-se os "amarelos" (conjunto de caldeiras, braseiras, tachos, almofarizes, castiçais, candeeiros, de latão — liga de cobre e zinco) do triso da chaminé e, para lavagem, os pratos da cantareira (estante por cima do *poial* dos cântaros e dos potes de água, onde se colocavam os pratos mais finos e não usados diariamente). Lavavam-se as tripeças (assento feito de cortiça) e as cadeiras de palhinha. A porta da rua, que não era pintada, retirava-se e, deitada em plena rua, era lavada com carqueja ou escova de piassaba e sabão. É curioso analisar, devido ao desgaste das sucessivas lavagens, na madeira da porta os anéis de crescimento da árvore, muitas vezes o castânheiro, donde se fizeram as tábuas - os sulcos correspondendo ao crescimento da Primavera e Verão, e as nervuras ao Outono e Inverno.

² Em tempos, ainda não muito recuados, quando em quase todas as casas se cozia pão para a semana, nos fornos de lenha da povoação, mediante pagamento de "poia", um dos combustíveis mais utilizados era a esteva que "deita muito calor" e aquecia bem o forno

Hoje, nem se gastam as estevas, nem os campos são agricultados. É o que se vê - mato por todo o lado e grandes incêndios no Verão.

³ Os lagartos e as freiras são bolos feitos da massa finta e, como o nome indica, representam, grossomodo, o "lagarto" e a "freira". Eram as ofertas que os padrinhos davam pela Páscoa aos afilhados ainda "pequenos" — os lagartos para os meninos e as freiras para as meninas. Os lagartos têm um ovo cozido com casca na boca.

⁴ Garotada.

⁵ As tigeladas são mais características das povoações a norte do concelho, talvez influência da Beira. A tigelada é fabrico de montesinhas (dos montes — Monte Claro, Cacheiro, Pardo, Duque, Arneiro, Chão da Velha, Falagueira, Montes Matos, Albarrol, Pá-da-Serra, Velada, Vinagra e Salavessa) e, na Vila de Nisa, entrou pelas mãos destas. As tigeladas são feitas em vasilhas de barro e cozidas em forno de lenha; da receita constam ovos, farinha, canela, soró de leite gordo e raspa de limão.

⁶ PARALTA, M. de Lourdes Seabra de Mascarenhas, *Memorial em verso da notável Vila de Nisa, sua história, gentes, usos e costumes*, edição da autora, 1982, p. 170.

⁷ PINTO, Maria, "Lira Popular", in *Correio de Nisa*, 13 de Abril de 1968, p. 4.

⁸ Apesar das mesas e assentos serem feitos de vulgares pedras soltas, muitos mantêm-se de uns anos para os outros. Frequentemente deparamos com pedras

sobrepos
vezes. fo

* FIG
Notável V

¹⁰ Em
em Arez
Amaro. F
Santo An

¹¹ GO
in *Correi
descição
311 e 312
Nisa da
Figueired*

¹² No
pág. 4, e
de Maio a
Isidro. Re
venha de
ano ..."
agricultu
condições
a possível
são indica
Semedo
Canta Po
Em 1969
da Lavou
de 1969,

¹³ Qua
Neptuno"
de Quad
Poeta) re
da Festa

¹⁴ Os
ou cumi
associado
Durante
que antec
voltaram
longe olt

sobrepostas no meio do terreno e, muitas vezes, formando círculo.

* FIGUEIREDO, José F., *Monografia da Notável Vila de Nisa*. Sintra, 1956, p. 312/315.

¹⁰ Em Alpalhão é a Senhora da Redonda, em Arez é o Santo António, em Tolosa o Santo Amaro. Em Albarrol também se festejou o Santo António.

¹¹ GOULÃO, António, "Descção de Nisa" in *Correio de Nisa*, 10 de Maio de 1969. A descção do jogo da pela encontra-se nas p. 311 e 312 da *Monografia da Notável Vila de Nisa* da autoria do professor José Francisco Figueiredo.

¹² No *Correio de Nisa*, 28 de Maio de 1966, pág. 4, escreve-se que se realizou no dia 22 de Maio a tradicional festa em honra de Santo Isidro. Refere que "É de lamentar que tal festa venha decaindo a passos largos de ano para ano ..." e aponta os desenganos sofridos na agricultura (maus anos agrícolas — más condições climáticas e falta de braços) como a possível causa da decadência. Para 1967 são indicados como festeiros: Joaquim Maria Semedo Granchinho, Norberto Joaquim Morais Carita Polido e José Maria Serralha Temudo. Em 1969 a festa já é da iniciativa do Grémio da Lavoura, cf., *Correio de Nisa*, 24 de Maio de 1969, p. 3.

¹³ Quadra de Idílio Nogueira Leitão ("Poeta Neptuno"), 1º prémio (grupo A), do concurso de Quadras Populares (*O Povo também é Poeta*) realizado em Nisa, em 1959, aquando da Festa de Santo Isidro.

¹⁴ Os pedidos e o posterior agradecimento ou cumprimento das promessas estão associados a "crises" da vida das populações. Durante o período da "Guerra do Ultramar", que antecedeu o 25 de Abril muitas mães se voltaram para Nª Srª da Graça para que lá longe *olhasse* pelos filhos da sua terra.

A novena são *noze dias* à Srª da Graça.

¹⁵ PARALTA, ob. cit., p. 30.

¹⁶ Verifique em FIGUEIREDO, Ob. cit., pp. 317 e 318, que frequentemente a "santa" descia à Vila por motivos de estagem. Uma vez que há dados cronológicos é possível conhecer maus anos agrícolas na região e compará-los com outros dados — medidas tomadas pela Câmara para solucionar problemas inerentes à seca, preços dos cereais, número de óbitos, número de expostos — para analisar e estudar comportamentos.

¹⁷ A Matriz também é de invocação a Nª Srª da Graça

¹⁸ Excerto de poema de Jerónimo Roló, citado em COSTA, Alexandre Carvalho, *Nisa. Suas freguesias rurais*, edição da Câmara Municipal de Nisa, Portalegre, 1986, p. 16.

¹⁹ É atribuído o ano de 1281 para a fundação da vila nova de Nisa por D. Dinis. Partindo desta data comemoraram-se em 1981 os 700 anos da fundação de Nisa. As festividades iniciaram-se em Abril, na Segunda-feira de Páscoa, na Senhora da Graça e prolongaram-se até Outubro e contaram com a presença de Sua Exª o Senhor Presidente da República — General Ramalho Eanes (dia 9 de Abril). Das festividades fez eco a comunicação social, regional e nacional.

²⁰ Independentemente dos vestígios romanos (Cevadeira/Convento) há, muito perto da actual Nisa, sepulturas escavadas na rocha (Fonte Seca, Santo António, Porto da Arez). Estas são genericamente dos tempos da Reconquista (séc. VIII-XII) e sem guerras posteriores não se justifica ter havido um vazio de pessoas após este período, pelo que pensamos que deveria ser habitada e com boas relações com Nisa/Senhora da Graça. Em ambos os locais está documentada a

presença dos romanos. Fernando Portugal opina que a Matriz tem materiais de outra igreja dos séculos XII ou XIII, anterior assim à fundação da vila nova.

²¹ Cf. GONÇALVES, João Gouveia Tello, "Construção das muralhas de Castelo Branco e Nisa", separata de *Estudos de Castelo Branco*, 1965.

²² Cf. ALMEIDA, João de, *Roteiro dos Monumentos Militares Portugueses*, Lisboa, 1948, Volume X, pág. 162.

²³ Cf. NISORRO, Zé, "Nisa-a-Velha. História-tradição-Lenda", in *O Distrito de Portalegre*, 21 de Agosto de 1981. Zé Nisorro foi pseudónimo utilizado pelo Dr. José Augusto Frausto Basso (22 Agosto 1901 — 7 Setembro 1987), ilustre nicense que, além do exercício da actividade de advogado, notário, Presidente da Câmara Municipal, Presidente do Grémio da Lavoura, Provedor da Santa Casa da Misericórdia e agricultor em Nisa, dedicou algum do seu tempo à história e ao património concelhios, estudando, escrevendo e recolhendo alguns materiais e espólio, que, se não fosse a sua acção, hoje estaria perdido.

O Dr. José Basso foi, também, Procurador à Câmara Corporativa, Presidente da União Geral das Misericórdias Portuguesas, Vice-Secretário da Confederação Internacional das Santas Casas da Misericórdia (Portugal e Brasil) e Comendador da Ordem de Benemerência.

²⁴ A matriz foi sujeita a alterações profundas após o terramoto de 1755. A anterior, gótica, tinha a porta voltada para o poente. Fernando Portugal refere que a sua origem deve ser anterior à fundação da Vila por D. Dinis. (Cf. PORTUGAL, Fernando, "A Igreja Matriz da Vila de Nisa — Subsídio para a sua História", separata do *Correio de Nisa*, 1966). A Ermida de Nossa Senhora da Graça independentemente das suas possíveis raízes pré-cristãs,

provavelmente já lhe era consagrada em 1267, pois Laranjo Coelho diz que "em 15 de Maio de 1267 havia em Nisa uma comenda da Ordem ligada a uma igreja consagrada à Virgem" (Cf., INFANTE, Cónego António Franco, *Culto Marial na Diocese de Portalegre-Castelo Branco*, Editorial SPES, Portalegre, 1985, págs. 238).

²⁵ Excerto de um poema escrito e musicado por João da Graça Silva.

²⁶ Nisa-a-Velha/Nossa Senhora da Graça foi objecto de uma proposta de classificação que elaborámos e endereçámos em Novembro de 1991 ao então Instituto Português do Património Cultural (actual Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico). Em reunião da Câmara Municipal de Nisa ocorrida em 17 de Dezembro do mesmo ano viria a ser aprovada a citada proposta (deliberação 743/91).

No ano anterior, 1990, o Dr. Jorge de Oliveira apresentou uma proposta de classificação para a Ponte e, por despacho de 11 de Janeiro de 1991 do Presidente do IPPC, foi aberto o processo de classificação, pelo que este imóvel se encontra em *Vias de Classificação* — Proc.^o 84/1 (95).

Este sítio está contemplado, em oito postais, numa edição de 22, sobre os "Imóveis Classificados do Concelho de Nisa" que propusemos, em devido tempo, à edilidade nicense. Para o efeito fizemos o levantamento fotográfico e o projecto gráfico. O trabalho tipográfico foi da *Ingrafol, Indústria Gráfica de Portalegre, S.A.* A edição foi divulgada durante a realização da Feira de Gastronomia e Actividades Económicas do Concelho de Nisa, ocorrida de 5 a 9 de Agosto de 1992.

²⁷ Para visitar as ermidas é necessário levar as chaves. Estas devem ser pedidas à Senhora Curada que vive na casa dos herdeiros do falecido Dr. José Augusto Frausto Basso. Se, entretanto, alguém com automóvel as for pedir

será informado para passar pelo local no regresso, se tiverem já a chave funcional.

²⁸ Surgiu de Montalvão (povoação do distrito de Beja) uma imagem de Nossa Senhora da Graça, com uma legenda que conta a história da sua descoberta em Montalvão.

²⁹ "Veja a página de 1967, A um irregular legenda: mazelas da Senhora da Graça, grande ur Presidente dedicar o..."

³⁰ Aza zambujos, é a espécie resistente e muito pequena, resistente, outras espécies...

³¹ A data do nome é do nome n que em 1 pesquisar e mas anterior determinati ter existido Frade. Foi por vizinha

será informado de que já foram levadas. Ao passar pelos que vão a pé recebê-las - a para, no regresso, as devolver, se, entretanto, não se tiverem encontrado nas ermidas, ou não tiverem já sido cedidas a outros. É assim, e funciona!

²⁸ Surge, por vezes, confusão entre Portas de Montalvão (em Nisa) e Montalvão (povoação do Concelho de Nisa). Cf. *Enciclopédia Portuguesa Ilustrada*, Livraria Sucesso, Porto, Volume VII, s/d. Na pág. 459 uma imagem das Portas de Montalvão é legendada como sendo o Castelo de Montalvão em ruínas.

²⁹ "Verdade nua e crua" é o título, em grandes letras, da única fotografia e da 1ª página, do *Correio de Nisa* de 23 de Dezembro de 1967. A fotografia mostra um pormenor de um irregular pavimento empedrado e tem como legenda: "Eis uma das mais vergonhosas mazelas do Concelho: o caminho de Nossa Senhora da Graça e do Pé da Serra, tarefa de grande urgência que muito preocupa o sr. Presidente da Câmara e a cuja solução vai dedicar o melhor do seu esforço."

³⁰ Azambujal ou zambujal é mata de zambujos. Azambujo, zambujo ou zambuieiro é a espécie indígena de oliveira, é muito mais resistente do que as introduzidas, mas de fruto muito pequeno. O zambujo, por ser muito mais resistente, serve de cavalo para a enxertia das outras espécies. Nisa é rica em azeite.

³¹ A data da construção da Fonte e a origem do nome está envolvida em polémica. A origem do nome não tem a ver com o frade do Crato que em 1725 veio na situação de vedor pesquisar água. A actual fonte é do séc. XVIII, mas anterior a esta existiu outra, ou outras. O determinativo *Frade*, advém certamente de ali ter existido uma ermida do *Espírito Santo do Frade*. Foi esta ou o seu frade capelão que, por vizinhança ou associação, deu o nome à

Fonte. Ali existiu uma fonte manuelina e para o atestar temos a lápide de granito com esfera armilar, que dali foi levada e que alguém nos anos oitenta sem se interrogar a mandou introduzir ao fundo da escadaria, lado esquerdo, do Hospital Velho. Cf. FIGUEIREDO, Ob. cit. pp. 231 e 232 e PORTUGAL, Fernando, "A Fonte do Frade: as festas do Santo Espírito", in *Correio de Nisa*, de 15/4/1967 a 16/3/1968.

Antes da instalação da rede pública de água (1932) a Fonte do Frade era muito procurada e era a nascente mais abundante.

³² Esta posição era defendida pelo Prof. José Francisco Figueiredo e de facto veio a acontecer mas já depois da sua morte. Cf. FIGUEIREDO, Ob. cit., pp. 231 e 232.

³³ Santa Luzia é invocada nas doenças dos olhos. É festejada a 13 de Dezembro.

³⁴ MOURA, ob. cit., p. 58.

³⁵ MOURA, ob. cit., p. 59.

³⁶ Nos dias da festividade, é de crer que a ementa, em muitas casas, fosse à base da carne dos sacrificados galos.

³⁷ Cf. FIGUEIREDO, Ob. cit. p. 318 e 319.

³⁸ Excerto de poema de José Gomes Correia, citado em COSTA, Alexandre Carvalho, *Nisa. Suas freguesias rurais*, edição da Câmara Municipal de Nisa, Portalegre, 1986, p. 17.

³⁹ A ponte carece de reparação. Falta, num dos arcos, uma aduela, que poderá, se não colocada, fazer ruir a ponte. Há notícia escrita da ponte ter sido reparada na segunda metade do século passado.

⁴⁰ Perspectiva-se a muito curto prazo a construção da ETAR (Estação de tratamento de águas residuais).

⁴¹ Cf. FIGUEIREDO, Ob. cit., p. 207.

— O *Retiro* sofreu grandes obras de beneficiação nos anos cinquenta. O pomar que ali existia foi arrancado há pouco tempo.

⁴² Os "baceiros" são pequenas propriedades rústicas que foram aforadas ou arrendadas. Anualmente o foreiro pagava o *foro*, uma determinada quantia geralmente em géneros, e destes os cereais, como forma de não haver desvalorização da prestação. A propriedade e os compromissos passavam de pais para filhos. O foreiro poderia adquirir a *propriedade* desde que pagasse adiantado um determinado número de *foros*. O 25 de Abril acabou definitivamente com o que ainda restava deste sistema.

⁴³ Nos anos oitenta o concelho de Nisa foi infestado de eucaliptos. A comunicação social escrita, quer regional, quer nacional, referiram-no largamente.

⁴⁴ Cf. "Pedras que Falam. A Ermida de S. Lourenço", in *O Pregão*, 15 de Junho de 1994, pág. 5.

⁴⁵ Cf. PORTUGAL, Fernando, *Índice toponímico do Concelho de Nisa*, Separata da *Revista de Portugal — Série A — Língua Portuguesa* - Vol. XXIX, Lisboa, 1964, p. 513, em nota de rodapé: "Do santo da sua invocação falam os documentos do século XVI como sendo o da tradicional devoção dos nisarros"

⁴⁶ Cf. FIGUEIREDO, Ob. cit., p. 315 (fotografia)

⁴⁷ Motta e Moura fala da missa mandada dizer pelos cardadores, mas cem anos depois já não há "nesta vila profissão daquele mester". O facto da missa ser da iniciativa dos cardadores mostra a importância que estes tinham na vila e, porventura, o seu elevado número. A decadência da ermida está

associada à decadência dos cardadores e estes à industrialização.

⁴⁸ Cf. FIGUEIREDO, Ob. cit., p. 49.

⁴⁹ Cf. MURTA, José Dinis, "O Propósito de Pedras que Falam. A Ermida de S. Lourenço (I?)", in *O Pregão*, 30 de Julho de 1994.

⁵⁰ O levantamento/localização destes marcos, associados a outros documentos, permitir-nos-ia, provavelmente, determinar os limites de territórios, entre os quais os da tão discutida *doação da Açafa*.

⁵¹ Hoje, se este hábito se mantivesse, teríamos as nossas estradas ladeadas de incontáveis cruces.

⁵² Santiago têm o seu dia a 25 de Julho

⁵³ COSTA, António Carvalho, *Corographia Portuguesa e Descrição Topográfica do Reino de Portugal*, Lisboa, 1706-1712.

⁵⁴ MOURA, José Dinis da Graça Motta e, *Memória da Notável Vila de Nisa*, Parte primeira, Lisboa, 1877 p. 102 e 103.

⁵⁵ Do primeiro dos paiheiros foi retirada da parede, onde se encontrava como material reutilizado, uma ara romana, que se conserva no átrio de entrada do Hospital Velho.

⁵⁶ MURTA, José Dinis, "Se Nossa Senhora da Graça não nos acode já nem a associação Humanitária dos Bombeiros voluntários de Nisa escapa", in *O Distrito de Portalegre*, 14 de Junho de 1996, p. 6.

⁵⁷ Excerto de poema de José Gomes Correia, citado em COSTA, Alexandre Carvalho, *Nisa. Suas freguesias rurais*, edição da Câmara Municipal de Nisa, Portalegre, 1986, p. 17.

⁵⁸ PARALTA
— As "notas" forte emigradas sessenta e sete França e na re de nisenses er à assinatura e entre o município localidades. (2) fortes relações portugueses, ano famílias e casas portug repete-se, ma Encontros d intercâmbios passado o N território fran cicloturistas passeio até A Não há es quantitativo sociológicas, poder de co demais conh

⁵⁹ As mar um verdadeir anos, foram que as borde

⁶⁰ A via romanos. Cf Lusitânia, Li

⁶¹ MOUR

⁶² Manuel é serralheir Municipal de

⁶³ Das P dos Fiéis de de Nossa de que existem

⁸⁴ PARALTA, ob. cit., p. 170.

— As "notas do estrangeiro" são fruto da forte emigração dos nisenses nos anos sessenta e setenta, principalmente para a França e na região do Loire. A forte presença de nisenses em Azay-le-Rideau e Saché levou à assinatura de um protocolo de geminação entre o município de Nisa e a primeira daquelas localidades (29 de Abril de 1990). Existem fortes relações de amizade entre franceses e portugueses, há intercâmbios diversos. Num ano famílias alem-Pinnéus são acolhidas em casas portuguesas. No ano seguinte o facto repete-se, mas os visitados são os franceses. Encontros desportivos fazem parte dos intercâmbios. Com o apoio da Câmara, o ano passado o *Nisa e Benfica* disputou jogos em território francês e este ano um grupo de cicloturistas de Nisa fez, pedalando, um passeio até Azay-le-Rideau.

Não há estudos acerca da emigração — quantitativos, influências económicas, sociológicas, linguísticas... — mas o reflexo no poder de compra e na arquitectura é por demais conhecido.

⁸⁵ As margens da Ribeira foram vítimas de um verdadeiro atentado, quando, há escassos anos, foram cortadas, nesta zona, as árvores que as bordejavam.

⁸⁶ A via tem certamente antecedentes romanos. Cf. SAA, Mário, *As grandes Vias da Lusitânia*, Lisboa, 6 vols., 1956/67.

⁸⁷ MOURA, ob. cit., p. 102.

⁸⁸ Manuel Malpique Rufino, natural de Nisa, é serralheiro civil e funcionário da Câmara Municipal de Nisa.

⁸⁹ Das Portas de Montalvão até à Ermida dos Fiéis de Deus são 3,7 km e até à Ermida de Nossa da Graça são 4 Km. As divergências que existem nas diferentes medidas que são

referidas em bibliografia resultam sempre dos pontos de partida e chegada exactamente considerados.

⁹⁰ Este marco estava na soleira da porta e foi detectado aquando da recuperação da ermida (Cf. FIGUEIREDO, Ob. cit., pág. 48). No concelho de Nisa há bastantes marcos com o símbolo da Ordem de Cristo. Fazer o seu levantamento e localização contribuiria, certamente, para definir, com outros documentos, o território que pertenceu à Ordem.

⁹¹ MOURA, ob. cit., págs. 101 e 102.

— KEIL, Luís, *Inventário Artístico de Portugal, 1 / Distrito de Portalegre*, Academia Nacional de Belas-Artes, Lisboa, 1943, p. 107.

— FIGUEIREDO, Ob. cit., págs. 45/48.

⁹² Decreto nº 45 327, de 25 de Outubro de 1963.

⁹³ Em 1969 a galilé encontrava-se "... em deplorável estado de conservação ...", cf., Outra Ermida: a da Senhora dos Prazeres", in *Correio de Nisa*, 1 de Fevereiro de 1969, 1ª página.

⁹⁴ Cf., MOURA, ob. cit., Parte Segunda, pp. 158/163.

— Cf. FIGUEIREDO, Ob. cit., pp. 407/410.

⁹⁵ *Ibidem*, pp. 316, nota de rodapé.

⁹⁶ Cf. VASCONCELLOS, J. Leite de, "Antiguidades Alentejanas", in *O Archeologo Português*, XXIX, 1930/31, p. 180.

⁹⁷ Nos anos oitenta o concelho de Nisa foi infestado de eucaliptos. A comunicação social escrita, quer regional, quer nacional, referiram-no largamente. A propósito da plantação de eucaliptos na Serra de S. Miguel consulte-se o *Diário do Alentejo*, 30 de Dezembro de 1988, p. 5.

⁷² O licenciamento (não pacífico) da construção da estação foi deliberado em reunião da Câmara Municipal de Nisa ocorrida em 24 de Outubro de 1995 (deliberação nº 1028/95).

⁷³ A aldeia não está electrificada e disso se queixam os seus moradores.

⁷⁴ É frequente em estudos e divulgações pouco cuidados, aparecer, por falta de trabalho de campo, certamente, a Ribeira de Nisa como fazendo parte do concelho de Nisa. Concretamente: *Á Descoberta de Portugal*, edição de Selecções do Reader's Digest, Lisboa, 1982 e *Guia de Portugal — Expresso — 4 Alentejo*, sem data expressa, mas publicado e divulgado em 1995.

⁷⁵ MOURA, ob. cit., pp. 93 e 94.
— Cf. FIGUEIREDO, Ob. cit. pp. 41/45
— Cf. KEIL, ob. cit., p. 107.

⁷⁶ Nisa é, além de tudo o que já se escreveu, um "mitónimo feminino; ama de Baco".

⁷⁷ Veja-se o que foi dito na nota 25.

⁷⁸ Esta foi a concretização de uma acção do Plano de Actividades do Município de Nisa que em devido tempo foi aprovada em reunião do executivo camarário.

Colaboraram/apoiaram, além da Câmara Municipal de Nisa, o Centro de Juventude de Portalegre, a Universidade de Évora e a Escola Secundária Mouzinho da Silveira de Portalegre. Os proprietários dos terrenos onde se desenvolveu a escavação permitiram-na de bom grado — a Fábrica da Igreja Paroquial da

Freguesia de N.ª Sr.ª da Graça, através dos Senhores Párocos de Nisa, e o Senhor Francisco Louro, da Velada.

Foi uma intervenção devidamente autorizada pelo IPPAR que contou com a direcção do Professor Doutor Jorge de Oliveira, arqueólogo da Universidade de Évora, e do signatário. Colaboraram a Dr.ª Carmen Balesteros, a jovem Catarina Traveiro, o Engenheiro João Caninas e os jovens estudantes nisenses Carlos Miranda, Isabel Ramos, Sérgio Paixão, Sónia Ribeirinho e Tiago Botas.

— Cf. *Noticias de Nisa*, de 25 de Agosto de 1995, pág. 9 e de 15 de Setembro de 1995, 1.ª página; *O Distrito de Portalegre*, 8 de Setembro de 1995, p. 6; *Fonte Nova*, 14 de Setembro de 1995, p. 13; *O Pregão*, 15 de Setembro de 1995, p. 12.

⁷⁹ Cf. Circular da Paróquia de Nossa Senhora da Graça, datada de 6 de Fevereiro de 1996, dirigida aos *Caros Paroquianos e Amigos de Nossa Senhora da Graça* pela Equipa Sacerdotal (Padres Manuel Horácio, Armando Lopes e Manuel Mário). A obra de electrificação está orçada em 2 825 813\$00.

⁸⁰ Cf. KEIL, ob. cit., p. 107.

⁸¹ MENDES, Mário, "Antes que seja tarde... Ponte Romana da S.ª da Graça: Quem lhe acode?", in *Fonte Nova*, 19 de Julho de 1990 e in *Diário do Alentejo*, 13 de Julho de 1990.

⁸² Cf. Deliberação nº 77/92 (Reunião da Câmara Municipal de Nisa em 21 de Fevereiro de 1992), e notícias em *O Pregão*, 1 de Março de 1993, p. 7 e em *Fonte Nova*, 4 de Março de 1993, p. 5.

Bibliogr

- AZEVEDO, P. *Archeol*
- BASSO, José 744, 21
- CARDOSO, p.ª *Aldeias*
- COELHO, P.ª XXVI, 1
- COSTA, Alex 519, 18
- COSTA, Alex *Municip*
- COSTA, Alex *Nisa, P*
- COSTA, Ant *de Por*
- INFANTE, G. *Editori*
- LEAL, August (Voz: 1)
- MOURA, Jo
- MURTA, Jo *Conce*
- OLIVEIRA, *Relatc*
- OLIVEIRA, *de Esp* 106, 1
- BARRETO, *pág. 2*
- VASCONC *Arche*
- VASCONC 1930/
- VASCONC nº 35

Bibliografia/Fontes Complementares

- AZEVEDO, Pedro A. de, "Extractos Archeológicos das "Memórias Parochiaes de 1758", in *O Archeologo Português*, V, 1900, pág. 349/352
- BASSO, José Frausto, "Nisa-a-Velha - Tradição - Lenda", in *O Distrito de Portalegre*, nº 5 744, 21 Agosto 1981
- CARDOSO, p^o Luis, *Dicionário Geográfico ou Noticias de Todas as Cidades, Vilas, Lugares e Aldeias de Portugal e Algarve*, Lisboa, 1747/1751
- COELHO, P. M. Laranjo, "As Ordens de Cavalaria no Alto Alentejo", in *O Archeólogo Português*, XXVI, 1923/24, pág. 185/248
- COSTA, Alexandre Carvalho, "Toponímia Portuguesa - Nisa", in *O Distrito de Portalegre*, nº 5 519, 18 de Fev. 1977
- COSTA, Alexandre Carvalho, *Nisa. Vila concelhia do Distrito de Portalegre*, edição da Câmara Municipal de Nisa, Portalegre, 1982
- COSTA, Alexandre Carvalho, *Nisa. Suas freguesias rurais*, edição da Câmara Municipal de Nisa, Portalegre, 1986
- COSTA, António Carvalho, *Corographia Portuguesa e Descrição Topographica do Reino de Portugal*, Lisboa, 1706-1712
- INFANTE, Cónego António Franco, *Culto Marial na Diocese de Portalegre-Castelo Branco*, Editorial SPES, Portalegre, 1985, págs. 233/251
- LEAL, Augusto Soares d' Azevedo de Pinho - *Portugal Antigo e Moderno*, Lisboa, 1873-1890 (Voz: Nisa)
- MOURA, José Dinis da Graça Mota e, *Memória da Notável Vila de Niza*, Lisboa, 1877
- MURTA, José Dinis, *A Porta da Vila - Nisa, Separata de Ibn Maruán*, *Revista Cultural do Concelho de Marvão*, nº 5, Dezembro de 1995
- OLIVEIRA, Jorge de, MURTA, José Dinis, *Povoado de Nossa Senhora da Graça de Nisa. Relatório de Escavação*, 1995 (Biblioteca Municipal de Nisa)
- OLIVEIRA, Jorge de, MURTA, José Dinis, "Povoado de Nossa Senhora da Graça. Relatório de Escavação, 1995", in *O Município. Boletim Oficial da Câmara Municipal de Nisa*, nº 106, 14 de Abril de 1996, págs. 6 e 7
- BARRETO, Themudo, "Nisa. Raízes dos nisenos", in *Reconquista*, 17 de Março de 1995, pág. 20
- VASCONCELLOS, J. Leite de, "Coisas Velhas - 79. Senhora da Graça de Nisa." in *O Archeologo Português*, XXII, 1917, pág. 167
- VASCONCELLOS, J. Leite de, "Antiguidades Alentejanas", *"O Archeologo Português"*, XXIX, 1930/31 págs. 173/185
- VASCONCELLOS, J. Leite de, "Matéria Filológica - 2. Etimologia de Nisa", *Revista Lusitana*, nº 35, 1937 págs. 311/313